

**Pauta:** Continuidade da discussão da política de fomento para o carnaval de rua

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** (14h17min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE. Boa tarde a todos. Nós vamos abrir a reunião e vamos dar um prazo de mais 15 minutos, até as 14h30min, porque, no momento, a gente está sem quórum. Se até as 14h30min a gente completar o quórum, a gente toca a reunião, se não a gente vai fazer um bate-papo aqui informal. Está bom para vocês? (Pausa.)

Eu vou chamar as autoridades convidadas à Mesa: o Sr. Lucas Fuhr e o Sr. Miguel Sisto, da Secretaria Municipal de Cultura; o Sr. Marcelo Fernandes, da Secretaria Municipal da Fazenda; o Sr. Tiago Silva de Oliveira, coordenador de apoio operacional da EPTC; o Sr. José Carlos Pingo Vilar, diretor de participação cidadã da SMGOV; o Sr. Luiz Carlos Amorim Borges Neto, do bloco Salve a Velha África; se encontra? (Pausa.); o Sr. Anderson Ramos, do Areal do Futuro; Sr. José Claudemir Martins Carvalho, do bloco “B” Loukos; meu amigo Bochecha; o Sr. Otávio Pereira, vice-presidente da Liga de Blocos Descentralizados de Porto Alegre; o Sr. Alessandro Kovalsky, da Comissão de Blocos de Rua de Porto Alegre. (Pausa.) Pessoal, então, vamos começar nossa reunião da CECE. A pedido especial do Otávio Pereira, que já tem um outro movimento aqui no Harmonia, vou lhe passar a palavra.

**SR. OTÁVIO PEREIRA:** Boa tarde a todas e a todos, à Mesa, aos vereadores, à Prefeitura, aos blocos que estão presentes e suas representatividades e ao plenário. Dando sequência no trabalho do desmembramento da outra audiência, e que acredito que já tenhamos até um indicativo de próxima data, vereadores, permanece o dia 12?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. OTÁVIO PEREIRA:** Será outra data, e a gente fica no aguardo então. Acredito e enxergo com bons olhos o que vem acontecendo – né, Bochecha? –

no sentido aqui – o Claudemir – da construção do carnaval 2024, que, em outras épocas, nós éramos chamados em dezembro ou janeiro. Então a gente está no mês de setembro já com a segunda audiência, e a Prefeitura e a Câmara nos dando, através dos vereadores e da Prefeitura, condições ou perspectivas, vamos dizer, Claudemir, de que realizaremos um carnaval maravilhoso esse ano. Peço desculpas, vou ficar um pouco, vou sair, porque eu não sou só de um movimento carnavalesco, que é a minha origem, eu também sou do tradicionalismo há 20 anos e eu estou terminando ali... Nós fundamos um piquete, é o primeiro ano, estamos na melhor localização, piquete 22 e está pronto. A vistoria é amanhã, faltam só detalhes, e estamos ali com a cabeça. E a gente que trabalha, é trabalhador da cultura, seja no carnaval, seja no tradicionalismo, seja no hip hop, seja no funk, o segmento que for, é isso aí. E é uma coisa que eu solicito à Prefeitura e aos vereadores que tenham maior carinho com a questão da cultura e que enxerguem a cadeia criativa da cadeia produtiva, da economia criativa, que tem muito trabalho para muita gente. Então, isso é importante, nesse exato momento, vocês olharem. Olhem o que é o tradicionalismo, olhem o que é o carnaval, seja de bloco ou seja espetáculo, envolve muita gente, muitos trabalhadores de várias áreas. Então, a gente tem que ter agora um *time* e um olhar diferenciado na cidade de Porto Alegre, uma cidade que tem tudo para ser a capital do turismo no Rio Grande do Sul, e a gente está deixando a desejar. Muito obrigado. E um bom trabalho a todas e todos.

**PRÉSIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Otávio, pela contribuição. Agora, a gente vai passar para o Miguel Sisto, da Secretaria Municipal da Cultura.

**SR. MIGUEL SISTO JUNIOR:** Muito obrigado aos nobres vereadores que estão dando atenção para a nossa arte do carnaval, aos meus colegas aqui da Prefeitura e também aos representantes das ligas, dos blocos. São vocês que fazem tudo acontecer, porque não adianta a gente preparar um carnaval para a

cidade e não ter o que é mais caro, o que é mais difícil que é ter o artista ali tocando todo o espetáculo. A gente se debruçou, desde a última reunião aqui, para tentar alinhar o orçamento da Prefeitura para o carnaval de 2024. Antes disso, eu vou apresentar, vou tentar ser o mais breve possível, nós temos um cadastro de blocos da cidade, esse cadastro foi verificado para saber se, realmente, os blocos existiam, se eles tinham representação jurídica. Esse cadastro é muito importante para a gente. Nós temos 93 blocos cadastrados em Porto Alegre, e a notícia feliz e, ao mesmo tempo, desesperadora para nós, que precisamos dar conta desse carnaval, é que 90 desses 93 blocos desfilam, têm necessidades, querem fazer o carnaval. É uma força muito grande que não pode ser ignorada. Agora como comportar esses 90 blocos no carnaval de Porto Alegre? É bastante complicado. A gente fez aqui uma apuração singela, mas ela é importante porque aponta aonde as pessoas querem desfilar, aonde os carnavalescos querem desfilar. Quinze blocos optam pela orla do Guaíba; 12 blocos, pela Cidade Baixa; oito, pela Restinga; cinco, no Centro Histórico; três, no bairro Ruben Berta, lá nas suas comunidades; três, na região central, sem apontar exatamente onde; na Cruzeiro três blocos querem desfilar na Grande Cruzeiro. Nós temos também no bairro Bom Jesus dois blocos, no bairro Santana, na Aureliano e assim vai. Eu tenho uma lista aqui, qualquer pessoa que precisar, pode me pedir que a gente disponibiliza, mas nós temos depois quase 30 blocos que querem desfilar na porta das suas casas. Não há nenhum problema nisso, mas o problema é a gente dar conta de fazer desfiles em lugares tão distintos. O que aconteceu? Nós lançamos o edital, pelo Fumproarte, chama Eventos Culturais Descentralizados, em 2022, ganhou o circuito de carnaval da Restinga, onde desfilaram três blocos, em janeiro de 2023. Foi a arrancada do carnaval de Porto Alegre, foi financiada pelo Fumproarte e foi um evento que deu muito certo, porque os blocos conseguiram se organizar. Esse evento, para quem quiser ver, eu recomendo, ele está no Youtube e se chama Projeto Circuito Restinga, carnaval de rua. O vídeo aqui é deste ano, porque esse desfile foi feito em 2023, ele aglomerou milhares de pessoas que foram pular o carnaval. Foi muito bonito e a Restinga ficou muito feliz com esse circuito que aconteceu lá. O

que nós, da Secretaria da Cultura, estamos propondo agora? Nós temos um recurso para 2024 indefinido. Por quê? Porque existe emenda federal para o carnaval que ainda não está resolvida, porque existe o orçamento da própria Secretaria da Cultura, que ainda não conseguiu se estabelecer, ser apresentado e ser liberado, isso acontece geralmente um pouco mais tarde, mas nós temos uma grande vantagem que é o orçamento liberado para o Fumproarte, não para o ano de 2024, mas sim para o ano de 2023, como aconteceu com o carnaval do circuito da Restinga que pôde fazer. E existe uma grande vantagem para quem não sabe, quem é contemplado no Fumproarte, que é o nosso Fundo, que tem 30 anos, vai fazer 30 anos agora em 2024, o aporte de recurso vem antes da produção cultural, e o artista pode finalmente negociar com seus fornecedores. Vai negociar com trio elétrico, o pagamento é à vista, porque o recurso vai para uma conta destinada ao projeto. Tudo funciona no Fumproarte por projetos. Então a nossa proposta é que tenham alguns circuitos financiados pelo Fumproarte imediatamente. Imediatamente que eu digo é lançamento de edital, porque a gente passa por todo o trâmite legal, e ele é longo, porque são 45 dias de inscrição, isso aí segue a legislação federal, depois tem prazo para recurso de homologação, prazo de recurso sobre a seleção final, uma série de prazos que vai dilatando, tudo publicado no Diário Oficial que nunca é no dia, sempre de um dia depois para o próximo dia, e vai nos deixando muito apertados para o final do ano, e a gente precisa executar o recurso no final do ano. O recurso disponível no Fumproarte não é o que nós gostaríamos de ter no momento, mas tem que lembrar que não é o recurso total do carnaval e, sim, um pontapé inicial para que a gente possa montar os nossos circuitos na cidade. Porque não é só circuito no Centro, é circuito na Restinga, a Lomba do Pinheiro vai querer o seu circuito, as comunidades de Porto Alegre vão querer o seu circuito, e elas têm o mesmo direito de quem quer desfilar no Centro. E eu tenho aqui esses números de quem quer desfilar aonde e é problemático. Então a gente não tem como resolver isso sem ser com uma seleção, com um julgamento de projetos e que isso possa ser avaliado e que tenha concorrência, que a gente possa estar aportando os recursos. Então a gente tem disponível não para 2024,

repetindo, para 2023, R\$ 200 mil. Quanto custou o circuito da Restinga, que deu certo, que funcionou na Restinga, que aconteceu em janeiro de 2023? Ou seja, este ano. Custou R\$ 50 mil. então o circuito da Restinga é a nossa base. Essa é proposta que o Fumproarte está fazendo, contemplar quatro circuitos agora, e, a partir desses quatro circuitos, e complementando essa rede, inclusive tem mais gente que quer desfilar no Centro do que nas comunidades, então o circuito do Centro tem que ser maior e precisa também de mais aporte. Então a nossa proposta é que esses quatro circuitos sejam âncoras da cidade, que eles saiam primeiro, e daí a gente começa a conquistar apoio, patrocínio. A gente pode, de repente, conseguir com os vereadores emendas impositivas, como acontece com o carnaval de escolas de samba, onde tem também o edital do Fumproarte, e o recurso é complementado na virada do ano, e é logo em seguida. As escolas de samba recebem os recursos que os vereadores destinam neste ano de 2023, para 2024, em janeiro. Isso é inédito, isso só acontece dentro do âmbito da Secretaria da Cultura, pelo Fumproarte. É por isso que a gente está puxando o carnaval de rua para o Fumproarte. Tem mais um motivo. Dessas 93 escolas que nós temos, escolas, não, desculpa, desses 93 blocos cadastrados, 6 blocos possuem um CNPJ próprio, um CNPJ que é de associação sem fins lucrativos, que representa os blocos. Tem, claro, blocos que têm uma produtora privada, que representa o bloco, pode funcionar, mas são 10 produtoras que representam 10 blocos dos 90. Nós temos associações que não são específicas do bloco, mas que podem servir, porque a gente tem mecanismo de atingir elas, mas são só 5. Então, a gente tem aí para trabalhar 21 CNPJs, e são 90 blocos, a conta não fecha. A gente não consegue operar com repasses, recursos direto para os blocos. O Fumproarte é a solução, por quê? Porque ele é a solução também das escolas de samba. As escolas de samba têm problemas de documentação, têm problemas financeiros, passaram pela pandemia, isso se agravou muito. Como é que se resolve? Pelo Fumproarte, porque o Fumproarte, ele dribla? Não, ele não dribla, ele trabalha por projetos. O circuito de carnaval de rua da Restinga de 2023 é um projeto. Uma produtora propôs esse projeto, juntou três blocos de lá e fez o carnaval acontecer. Dessa forma, a gente consegue contemplar os 93

blocos, ou 90 blocos. Não nos R\$ 200 mil, é insuficiente, mas a gente vai em busca de mais. Esse é o nosso pontapé, essa é a proposta do Fumproarte, da Secretaria Municipal da Cultura, é ter quatro circuitos, sabendo que a gente não está usando o orçamento de 2024, nem as forças da Prefeitura, porque, no momento que a gente vai fazer um desfile, principalmente aqui no Centro, que vai ter mais gente, que vai ter mais blocos, aí a gente vai precisar buscar reforço com toda a Prefeitura e não só com a Secretaria de Cultura, porque é um evento muito grande. A população quer pular o carnaval, a gente sabe disso, os blocos arrastam milhares de pessoas. Eu estou muito confiante que, a partir dessas âncoras, com essa proposta que a gente está fazendo, a gente consiga ir buscando o restante do apoio que é necessário, e é necessário bastante apoio. Inclusive com a Prefeitura como um todo, porque não encerrou com esses R\$ 200 mil. O secretário da Cultura tem outros planos, de cuidar da estrutura, de fazer uma estrutura melhor, só que ele não consegue implementar ainda por uma questão de orçamento, que não saiu em 2024. É uma sugestão, estamos aqui abertos para ouvir, é muito importante a gente ouvir. Eu queria dizer para os vereadores que, embora a gente não tenha o mesmo quórum da reunião passada, a gente tem aqui as lideranças do carnaval de rua, então a gente está aqui muito bem representado. Não quero me estender, quero mais é ouvir vocês. Eu agradeço, e estamos aqui abertos para qualquer construção conjunta.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Miguel. O Sr. José Claudemir Martins Carvalho, vulgo Bochecha, está com a palavra.

**SR. JOSÉ CLAUDEMIR MARTINS CARVALHO:** Colocando conforme o representante da secretaria, o Miguel, que nos tem atendido muito durante este ano lá nos blocos, a gente tem se reunido bastante, queria falar um pouquinho do circuito Restinga, e o porquê que o circuito Restinga foi um sucesso. Tinha estrutura. Qual é a estrutura? Eram três blocos com um cachê de R\$ 10 mil para cada bloco. Os blocos fizeram o carnaval, o último carnaval em Porto Alegre, com o cachê de R\$ 3 mil. O pessoal quer fazer, o pessoal quer fazer carnaval.



Eu sempre dizia, quando a gente começou lá em 2017, eu dizia assim para o Mimo: Mimo, a luta vai ser árdua, vai ser árdua, mas eu te digo que, ao passar uns cinco anos, no máximo, sete anos, conta de mentiroso o sete, nós vamos está assim ó, bombando nos blocos em Porto Alegre. O pessoal do interior vai ver na televisão, porque é uma época em que as emissoras andam atrás de notícia, eles imploram para os blocos irem nas emissoras, porque eles não têm assunto. O Brasil inteiro fala em carnaval e, aqui em Porto Alegre, eles ficam atrás dessa notícia. E as emissoras dando esse estardalhaço, aí o interior todo está vendo, e o interior todo vem para Porto Alegre. O pessoal daqui, de Porto Alegre, muitos não têm condições de ir à praia, não têm dinheiro, e, muitas vezes, quando têm condições, têm o dinheiro para ir à praia, está tudo lotado, os hotéis todos ocupados. O que sobra para eles? Porto Alegre. Muitos dos meus amiguinhos lá da minha comunidade, da Bom Jesus, ganham dinheiro vendendo bebida. E, por incrível que pareça, desde 2017, quando começou os blocos aqui, muitos não foram, olhem onde eles iam buscar dinheiro: trabalhando, vendendo bebida em Laguna, que o maior carnaval do Sul do País é em Laguna. E os meus blocos se espelham em Laguna, e eu estou lutando para que esse carnaval aconteça como é o de Laguna, que aumenta em dez vezes mais o número de habitantes no período de carnaval. O carnaval fantasiado, o que eu digo carnaval fantasiado o último foi um sucesso, eu digo o sucesso foi graças ao aporte dos vereadores. Muito obrigado pelo o que vocês fizeram pelo carnaval, que eu também saio em escola de samba, e vocês foram fundamentais, puseram o recurso lá, que tinham muitos vereadores que ficam dizendo assim: “Ah, vou estar dando dinheiro para o carnaval...” Pessoal, é festa popular, o pessoal todo ali se divertindo, por incrível que pareça, as arquibancadas podem estar vazias, mas os camarotes lotados e os camarotes pagos. Eu também tenho esse pensamento aqui e falo para todos aqui que vai chegar uma hora em que a gente vai ter os blocos e vai ter camarote, vão vender camarote também, porque tem gente que quer ficar nos camarotes. Então, nós precisamos imensamente da colaboração dos vereadores. E vocês entrarão para a história, porque vocês podem ver o carnaval antes dos vereadores entrarem para dar uma força, como

vocês estão dando uma força aí agora, vai ser totalmente diferente, vai mudar e para melhor, tenho certeza disso – tenho certeza disso, não duvido! Até o ano passado, não pensem vocês que a gente estava parado no ano passado, mesmo com processo de pandemia, aquela história toda, a secretaria só nos dava uma resposta para nós: “Este ano está bem diferente”. Nós chegávamos lá: “Ah, estamos ocupados com o Acampamento Farroupilha. Depois do Acampamento Farroupilha, nós vamos conversar” – e não conversavam coisa nenhuma. O que sobrava para nós? Um carnaval que existia, mas existia sem a visibilidade da mídia, que é o carnaval nas periferias. Aí sobrava para nós os bloquinhos lá, fazer o carnavalzinho ali. Existem, dois blocos de carnaval que fazem assim... Dois não, eu digo três, um é a Banda da Saldanha, que eu repito sempre bem assim: nem eles sabem a força que eles têm – nem eles sabem a força que eles têm! Milhares e milhares de pessoas, dia 12 e no primeiro do ano, eles bombam, eles bombam; também no Dia do Trabalhador, vocês botam ali a orla lotada. Com todo o respeito ao tradicionalismo, mas a cultura da periferia lá, a maioria é futebol e samba, futebol e carnaval. E agora nós estamos tendo uma atenção de vocês, não vou me estender porque esse assunto aí é longo, até fico falando um dia, dois aí, mas eu estou muito feliz e acredito que vai acontecer, porque os vereadores estão envolvidos. E acredito também que vocês terão retorno, porque tem muito pessoal de bloco que só conhece os vereadores porque tem essas reuniões aqui, e aí começa a ter aquela conversa com vereador e por aí vai. Porque, quando chega no período eleitoral, os cabos eleitorais se grudam aqui e nem deixam ficar perto do vereador. E a gente vai ficar conhecendo o trabalho de vocês, vocês vão conhecer o nosso trabalho, o interior vai ver que o trabalho é bom e a cidade ganha. Os meus amiguinhos lá que vendem bebida, vão vender aqui, não vai ser preciso ir a Capão da Canoa, a Torres no carnaval para ganhar dinheiro, vão ganhar um dinheiro aqui também, e eu vou poder realizar o meu sonho de ter um grande bloco de carnaval. Obrigado.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Bochecha. Eu passo a palavra ao Anderson Ramos.



**SR. ANDERSON RAMOS:** Boa tarde, eu me chamo Anderson Ramos, faço parte do Areal do Futuro. Vou começar a minha fala com uma pergunta. Eu não me inscrevi para estar aqui, eu vim participar porque tinha a informação de que a Prefeitura traria uma proposta, como foi feita agora, relativa ao carnaval de rua de Porto Alegre. E essa sinalização de quem veio, de quem partiu? Você pode me dizer?

Quem me sinalizou para me chamar até aqui pra falar?

**ORADOR NÃO IDENTIFICADO:** (Manifestação fora do microfone.)

**SR. ANDERSON RAMOS:** Ah, tá. Obrigado pela oportunidade. É muito oportuna, em função de que a gente entende que o Areal da Baronesa, o Areal do Futuro... Muita gente me conhece talvez como cantor, puxador, intérprete, porque trabalho com o bloco na questão social desde 2012, fazem dez anos que a gente trabalha lá, e fui parar lá por intermédio do Mestre Paraquedas, que é um compositor, enfim, é tudo é que a gente possa imaginar relativamente à cultura negra popular; e é meu vizinho. Eu nasci num reduto do samba, na São José, vizinho do Carlos Medina, onde acontecia o coreto. O coreto era... Todo mundo que é oriundo desse carnaval, que a gente sabe, eu não vi ninguém citar aqui, desde as reuniões que eu participei... A primeira reunião que eu participei com a cultura, foi num sábado, há alguns meses, onde eu questionei realmente o que o carnaval de rua de Porto Alegre precisa.

Em primeiro lugar, a nossa cultura carnavalesca vem despida de ego. A gente precisa ser para os outros. A gente precisa ser para os outros, para os blocos, para todos. Porque quando a gente coloca um número, esse número não vai fechar; porque não é um número. Hoje, esse número aí... Eu aposto que não está aí a Afro-Sul, que é um bloco que abdicou do carnaval e voltou a ser bloco. Então, por que esse pessoal não está aqui? Por que que não está discutindo com a gente essa questão? Porque com relação a essa questão a gente precisa pegar um exemplo que já acontece, que não é aqui. O nosso carnaval é pautado a partir do Rio de Janeiro. Se a gente entender a cultura negra, ele vem a partir

de Rio Grande e Pelotas pra cá para Porto Alegre, e vem a partir da Ilhota. Tem documentário do Mestre Borel falando sobre tudo isso, no YouTube, todo mundo pode procurar e achar. E o carnaval de bloco de rua, ele é mais do que uma questão cultural e precisa ser não só visto aqui, ele precisa ser praticado com os entes que fazem parte desse evento popular. E a gente não enxerga uma conversa com os bombeiros, por exemplo, que precisam estar nessa conversa, o meio ambiente precisa estar nessa conversa, o turismo precisa estar nessa conversa. Porque isso que o colega enxerga aqui, da maneira como ele coloca, eu tenho a profissão também como comerciante, eu sou empreendedor, então eu venho da venda. E artista vender não é bom, artista fechar negócio não é bom, porque ele não sabe fechar negócio. Nós somos, a todo momento, desvalorizados com a nossa cultura porque não sabemos fechar um bom negócio, porque nos é prostituída uma questão de ter que, vamos dizer assim, competir com o nosso coirmão, com quem tem que, na verdade, nos apoiar para gente fazer o carnaval.

Bom, então, pensando nisso, a gente faz um movimento, hoje, e vamos trazer agora aqui para todo mundo, porque nós somos apartidários, o Areal da Baronesa não pede apoio para ninguém, graças a Deus a gente tem essa cultura ali dentro, que é autossuficiente, e autossuficiente ajudando todos os blocos que estão lá. Porque todo tipo de movimento que existe hoje passou por lá, porque é o berço do samba. A gente entende isso e a gente faz oficina gratuita de percussão. Tem muito bloco aí hoje formado pelo Areal, por essa gente que está lá, por esses dez anos que eu estou lá. Quem fez esse carnaval crescer também, tem muito isso, é o Maria do Bairro, que praticou isso com o Areal, levou o Areal como a bateria deles, e conseguiu nos mostrar uma parada comercial que a Prefeitura ainda não enxergou. Por quê? De repente, porque não tem uma proposta visando não a verba da cultura, mas o turismo. A gente pode ter dados de turismo, do que aconteceu em São Paulo, por exemplo, onde foram R\$ 10 bilhões de faturamento. E o que é que eles fazem lá? Eles trazem todos os entes para conversar e regulamentam. Bota uma proposta de regulamentação para que a gente possa ter segurança jurídica, os advogados estão aí, podem nos

dizer, segurança jurídica não nos dá o melhor contrato com uma produtora, não nos dá o melhor contrato com fornecedor de bebida. A gente fez uma política no Areal este ano chamando a nossa reparação comercial, que a gente entende que a nossa cultura precisa de uma reparação, mas não sabe dizer como, essa reparação. E todo mundo fica dizendo assim: “Mas como eu vou reparar? O que eu tenho que pagar para o negro?” Ou coisa parecida. O que a gente precisa é oportunidade, então, o chope, este ano, para nós, ele teve que colocar o chope dele para vender na comunidade para trazer receita para a comunidade. E a descentralização ela se faz quando a gente chama os outros blocos para participar com a gente e perceber isso, perceber que é interessante levar para todo lugar de Porto Alegre, isso não é um problema, isso é a solução, porque é receita. Quando tu tens comunidades próximas ali, como o Morro da Cruz, por exemplo, que está superbem posicionado relativamente ao entendimento da cultura e levando a arte a todo o vapor. Por que eles não estão discutindo isso com a gente? Porque eles também são bloco de rua. Então, hoje eu levei até o gabinete do Ver. Jonas uma proposta, um projeto de lei, em que a gente pega como justificativa o que aconteceu no carnaval de São Paulo relativamente a toda informação que se tem, real, dessa população, do que acontece quando tem uma festa popular dessas. A última que nós fizemos, nós homenageamos uma mulher preta, a mãe leda, que é um baluarte também da cultura afrodescendente aqui em Porto Alegre, e a Brigada nos disse que foram mais de 50 mil pessoas. Isso gerou uma receita enorme, para quem? Não foi para a nossa comunidade. Então, acho que se comunicar com todos, os vereadores, essa vontade real que se tem, traz os outros entes para participar, porque fica meio vazio... É muito importante isso aqui, fundamental, elogio, obrigado por esta oportunidade; não imaginei estar falando, neste momento, com vocês em relação a isso, mas vejo que tem fundamento o que eu estou colocando, desde a primeira reunião, que eu tive o prazer de conhecer o nosso amigo ali, desculpa esqueci o nome. (Pausa.) O Miguel, onde a gente entende que a regulamentação dos blocos é fundamental; não dos blocos, mas do carnaval de rua de Porto Alegre. E a regulamentação parte de um pressuposto simples, que não é visar à verba

da cultura e colocar 91 blocos brigando por R\$ 200 mil, achando que, daqui a pouco, com R\$ 50 mil, tu fazes um carnaval. E a gente sabe que um carnaval na Bahia, o artista ganha R\$ 1 milhão – entendeu? –, porque leva as pessoas até lá então. Acho legal a gente conseguir discutir, se tiver mais oportunidade de ver o que o Jonas tem relativamente a este projeto para que a gente colabore, e nos dê uma condição de reparação para que a gente possa fazer um carnaval de fato para todos participarem, descentralizado, centralizado, onde ele está, onde ele não está, pluralizado. Então, o turismo tem que estar presente com isso também. Obrigado.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Anderson. O Sr. Alessandro Kovalsky, da Comissão de Blocos de Rua de Porto Alegre, está com a palavra.

**SR. ALESSANDRO KOVALSKY:** Boa tarde a todos os presentes aqui, nós, enquanto comissão, na nossa premissa, acima de tudo, somos blocos – todos somos blocos –, mas lá, como comissão, eu já tenho um olhar mais de gestão, porque é a minha área, eu sou um administrador de empresa, eu tenho um instituto, e eu entendo que funcione assim. Um breve histórico dos guris, maravilhoso, a gente já teve case de sucesso na Cidade Baixa, a gente fundou, e está aqui com a gente, já teve 50 mil pessoas. Só que agora chegou o momento de romper esse paradigma, está na hora de a gente começar a entender mais dos meandros da coisa. E o Miguel, como Prefeitura, está abrindo a porta para a gente entrar e construir junto. Então, a gente acha que também, neste momento, os blocos têm que fazer a sua parte no sentido de organizar, de se auto-organizar, e nós estamos aqui para ajudar, irmão com irmão ajudando. Então, nesse momento, é muito salutar que a gente tenha essa conversa aqui, e eu acho que... a gente sabe o histórico da Bahia, de São Paulo, do Rio, de Minas, mas isso foi uma construção de várias secretarias e até ministérios para que isso acontecesse. Porto Alegre agora está começando a ter esse embrião, o Lucas está aqui, o vereador está aqui, então eu acho que agora é o nosso

momento, entendeu? Nós estamos aqui querendo construir, o cadastro, os 90 blocos, foi uma luta árdua nossa, enquanto comissão, junto com o Miguel. Muitos nos questionaram: “Para que o cadastro?” A gente precisa saber que existe, a gente precisa saber o que é, a gente precisa saber, na próxima, olha: eu preciso que tu tenhas um MEI, um CNPJ, eu preciso saber que tu entregas algo, porque é dinheiro público. Então, agora é essa a nossa luta. A gente sabe todo o nosso potencial artístico, a gente sabe toda a etimologia do carnaval, agora está na hora de entregar para a sociedade que vem dinheiro para nós, através dos políticos. A gente quer entregar. Então, a gente está aqui como parceiro e acredita que, em 2023, e, ainda em 2024, vamos deixar um legado para os carnavais adiante. Obrigado.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Kovalsky. Quero saudar a presença do Airton Silva, representando o mandato do Ver. Giovani Culau e Coletivo, o Ian Angeli, do Bloco Turucutá; também o Zé do Pandeiro, do Bloco do Zé. Depois eu abro a fala para a plateia. O Lucas Fuhr, representando a Secretaria Municipal da Cultura e Economia Criativa – SMCEC.

**SR. LUCAS FUHR:** Muito obrigado, Ver. Gilson Padeiro. Quero cumprimentar também o Ver. Mauro Pinheiro, cumprimentar todos os demais, os nossos colegas de Prefeitura e os carnavalescos, que são o centro nosso debate. Quero dizer que nós, da Secretaria da Cultura, estamos nos organizando. Estamos aqui com a proposta que o Miguel apresentou, e a gente pode continuar falando sobre ela, na continuidade das falas, considerando que a gente precisa respeitar algumas regras da administração pública, que são iguais para todos os órgãos públicos, estão aqui os colegas, sobre prazos sobre disponibilização do edital no Diário Oficial do Município. Isso tudo vai trazer um desafio de gestão. Então, nós estamos oportunizando, como já tivemos a reunião sobre esse mesmo tema aqui na CECE, momento de escuta, momento realmente democrático, em que todos podem trazer as suas questões. A reunião anterior teve um grande número de representantes trazendo as demandas do carnaval

descentralizado, do carnaval centralizado, e, agora, nós temos, então, essa realidade que o Miguel trouxe sobre a iminência de a gente conseguir viabilizar esse edital.

Então, para que a gente consiga fazer um carnaval de blocos em Porto Alegre, no ano que vem, isso demanda uma organização da gestão desde agora para cumprir os prazos, os ritos. É compromisso nosso, estou aqui para dizer, em nome da Secretaria da Cultura, em nome do secretário Henry Ventura, que, infelizmente, não pôde estar aqui hoje, estou representando-o, mas demonstrar que nós estamos, sim, comprometidos com a realização do carnaval de blocos. Isso é uma coisa que vai demandar uma cooperação entre os órgãos públicos, não só com o governo municipal, mas também com a parceira da Brigada Militar, com toda a infraestrutura pública que um evento de grande proporção demanda, porque a gente sabe que o carnaval de blocos mobiliza milhares e milhares de pessoas.

Sobre a questão da infraestrutura, nós estamos trabalhando para ter banheiros acessíveis, ter algo adequado para as pessoas que estão vivendo esse momento do carnaval. Também, a parceria da EPTC, a EPTC esteve presente também na reunião anterior. Então, estamos aqui, em resumo, para demonstrar que nós estamos na iminência de começar, agora, a parte da gestão, que vai demandar que o edital, que o Miguel está liderando, aqui, com as regras do princípio da publicidade, que todos os blocos consigam, com a sua documentação, apresentarem suas propostas, se inscreverem e se habilitarem no edital.

Então, tenho da Secretaria da Cultura um compromisso de que nós vamos fazer um carnaval de blocos e estamos aqui mais para escutá-los e compor aqui coletivamente. Muito obrigado.

**VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL):** Boa tarde a todos. Só uma dúvida, o Miguel falou em R\$ 200 mil. Esses R\$ 200 mil são para organizar ou são para passar para os blocos? Porque são coisas diferentes. Porque tem a parte de organização, nós vamos organizar quantos circuitos do carnaval e onde vão ser? Cada organização dessa vai despende um valor, tu vais ter a parte de fechar as



ruas, de colocar banheiro químico, colocar o carro de som. Essa é a parte que a Secretaria da Cultura vai entrar e isso faz parte dos R\$ 200 mil ou isso é outra parte que a Prefeitura vai fazer, dependendo é R\$ 200 mil mais R\$ 200 mil para passar para os blocos que estão organizados? São coisas diferentes. Agora, se os R\$ 200 mil são para a organização, não vai sobrar nada para os blocos. Eu não sei o que é mais importante, os blocos é que têm que... Eu gosto bastante de carnaval, já participei de blocos, e eu acho que o carnaval de bloco, gosto dos dois, mas o bloco é, na minha opinião, é mais fácil de a comunidade participar. Quando é o desfile da escola de samba, tu tens todo um aparato para participar do desfile, de fantasia. Do bloco não, tu chegas ali no dia, tu nunca viste ninguém do bloco, tu pegas teu abadá e entra na folia e estás participando do carnaval, né? É mais democrático, todo mundo participa na comunidade. Eu acho que Porto Alegre tem um potencial muito grande para os blocos, acho que descentralizado, centralizado, isso é uma questão que a gente tem que ver, pode ter os dois, uma parte centralizada organizada pela Prefeitura... Eu acho que a orla é um lugar que seria o turístico para vender para fora, para trazer o turista, é fundamental, porque é bonito o lugar, não tem vizinho perto, pode montar toda uma estrutura e é um negócio vendável, mais fácil de vender. Enquanto que a comunidade, claro, que o cara às vezes quer participar: “Eu quero participar aqui na minha comunidade, sou lá da São José e quero desfilar ali, ser do Morro da Cruz e tal.” Essa é a parte descentralizada, e eu não vejo que não se possa ter as duas, né? Carnaval descentralizado, organizado pela Prefeitura, vários dias, e o bloco da São José não quer dizer que não possa ir na Restinga para participar; e ter uma parte centralizada, que é onde vai vender, provavelmente. Eu acho que o carnaval vendável, para trazer o turista, talvez a orla do Guaíba seja o lugar para trazer o turista.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL):** Mas o que falta é o seguinte: o bloco que está lá participando vai vir para fazer a festa ali, mas nós precisamos ter a

estrutura mínima da Prefeitura, que não é os R\$ 200 mil, que é um caminhão de som potencial, porque tu não vais fazer um desfile num lugar grande aberto com um fusca, né? Nada contra o fusca, tu tens que ter um caminhão potente, que é o que tem no carnaval da Bahia, lá tem um circuito, são vários circuitos, não é? Vocês entendem bem mais do que eu de carnaval, estou dando aí meu pitaco, mas no carnaval de lá são vários circuitos, e aí vem um caminhãozão com gente famosa em cima, e outros que vão ficar famosos do lado, e depois vem as pessoas da comunidade e tal. Na verdade, os famosos do carnaval da Bahia não eram famosos, ficaram, porque o carnaval deu oportunidade para eles. E aí, vem gente do mundo inteiro para participar do carnaval da Bahia, paga o abadá, que faz a renda para o bloco, agora o bloco só vai ter a renda se tiver uma estrutura que dê vontade de participar.

**SR. ANDERSON RAMOS:** Circuito, porque hoje Porto Alegre tem lugares que... Estão migrando da Cidade Baixa, por exemplo, para o 4º Distrito. Por que estão fazendo isso? Porque hoje os guardas municipais, que vão atender algumas ocorrências dizem: "O turista não vem para Porto Alegre, porque ele não tem o que fazer." Ele realmente não tem o que fazer, então se tratando de carnaval, existem alguns blocos, que não é o caso do Areal, é em separado porque a gente ainda tem criança, não me lembro de outro bloco que saia na rua com criança fazendo show. Então, a gente trabalha com uma questão ainda como tu lembras, de botar cordão na rua, e que a comunidade inclusive coopera com isso, só que a gente precisa da Prefeitura, realmente, para dar essa sustentabilidade e não deixar a gente brigar por valores, e sim nos dar condições de fazer isso dando a estrutura, o resto os outros vão dar.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. ALESSANDRO KOVALSKY:** De a gente construir o central no *business* da coisa e fazer com contrapartida social para o periférico, aí vai funcionar, entendeu? Como é que eu vou dizer? A Prefeitura pode dar o laço, o peso ali, e

vai buscar no mercado, a gente tem que buscar no mercado também para agregar. E aí com contrapartida, sempre com compartilhada social. Onde? Lá no descentralizado. Aí é autogestão, autofinanciamento.

**SR. ANDERSON RAMOS:** Hoje, a gente ainda tem que fazer uma relação de segurança com o ambulante, que nós temos que chamar ele ainda, esse é um papel da Prefeitura, que tem que regular isso. Por isso, a regulamentação da coisa dá garantia jurídica para a gente conseguir fechar com uma produtora, ou sei lá, quem de bebida, de sorvete, sei lá quem, mas que cadastre essas pessoas e deixem essa coisa acontecer, com a segurança da Prefeitura, quem tem que fazer isso não somos nós, né?

**SR. MIGUEL SISTO JUNIOR:** Sou Miguel Sisto, da Secretaria Municipal da Cultura e Economia Criativa – SMCEC. Respondendo ao vereador, o que que acontece, R\$ 200 mil é arrancada para servir de âncora. Por exemplo, o Areal da Baronesa desfilou sozinho esse ano? Não, desfilou com mais blocos.

**SR. ANDERSON RAMOS:** A gente desfilou sozinho.

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Não, mas havia mais blocos convidados. Não tinha?

**SR. ANDERSON RAMOS:** Sim, convidaram os blocos, quatro blocos, eu acho.

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Então, o Areal da Baronesa desfilou com mais quatro blocos. Então, o circuito do Areal da Baronesa não é um...

**SR. ANDERSON RAMOS:** Mas nós não desfilamos. Nós ficamos parados.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Miguel, nós temos mais três inscrições, para depois irmos para os encaminhamentos.

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** É que o vereador tinha uma questão. Então, rapidamente respondendo. Esses R\$ 200 mil são só para esses blocos saírem na frente, como estava dizendo o Kovalsky, para conseguir angariar mais recursos, porque o Areal da Baronesa fez isso sozinho. Imaginem se ele parte com um aporte de R\$ 50 mil, ele vai chegar para o seu patrocinador, para o seu parceiro: “olha, eu não vou desfilar com cinco, eu vou desfilar com dez blocos, porque a gente tem o recurso e a Prefeitura reconheceu, através de concurso, que esse carnaval... (Ininteligível.) Circuitos. Ainda que parado, é um circuito.

**SR. ANDERSON RAMOS:** Na verdade, a gente gosta de ser tratado como uma comunidade. Nós somos um quilombo. Nós temos um território. O nosso território é o Centro. O Areal do Futuro é oriundo da Escola de Samba Areal da Baronesa, tem 40 anos, foi fundado pelo negro Celso... tem todo um...

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Então, são quatro circuitos, e se espera que um, pelo menos, seja central. E a partir desse central, a Prefeitura vai buscar o aporte de estrutura para fazer um carnaval maior. Junto com a comissão de blocos de carnaval, a gente definiu dez datas para o carnaval, como razoável para Porto Alegre. São dez dias de carnaval centralizado, com organização, com estrutura. Tudo isso a gente tem que construir. Então, os R\$ 200 mil são apenas o primeiro passo para isso, pensando em circuito. Se o pessoal vai fazer carnaval na Restinga, vai fazer o Areal, vai fazer na Lomba do Pinheiro, vai fazer no Centro, a Prefeitura não tem fôlego para dar conta de tanto. É preciso que a sociedade civil receba o recurso, possa se organizar e fazer o seu carnaval lá, com o mínimo de decência. Realmente, é muito difícil para a gente estar em todos os lugares, mas a comunidade organizada consegue e vai fazer. Daí a Prefeitura, provavelmente, vai se concentrar mais no Centro, porque tem mais blocos, tem mais gente. Claro, se precisar ir até as comunidades, a gente vai com todas as forças que tivermos disponíveis.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** O Sr. Airton Silva, representando o mandato do Ver. Giovani Culau e Coletivo, está com a palavra.

**SR. AIRTON SILVA:** Boa tarde a todos e todas. Começar cumprimentando os vereadores, o pessoal dos blocos, das ligas, e a Prefeitura também representada na reunião. Acho que a gente conseguiu fazer um bom panorama do representa o carnaval de rua par Porto Alegre, mas, em especial, o que pode representar. Temos falado aqui de uma potencialidade que existe na arte de rua, no carnaval, e como pode agregar para a cidade. Eu acho que tem alguns desafios ainda colocados. O Miguel respondeu um pouco das perguntas que eu tinha também, mas eu acho que é bastante importante estas delimitações assim, do calendário. Eu acho que isso é algo importante para ser construído com as ligas e com os blocos do Centro, mas também do descentralizado. Eu acho tem duas especificidades diferentes do que é o território, e aqui eu acho que também tem uma diferenciação que é preciso fazer quando se fala em circuito, porque nem todos os blocos se entendem assim. Então esse diálogo. E eu acho que a turma do Areal da Baronesa apresentou bem o que é o território. Eu acho que, para Prefeitura, isso é um desafio de conseguir pensar o carnaval para dar conta desses dois formatos, porque nem todo carnaval funciona ou pode funcionar por circuito. Isso é algo que a gente precisa pensar bastante quando for delimitar essas questões. E uma parte que é fundamental, e eu tinha essa dúvida, mas entendendo que Fumproarte é um pontapé inicial, e eu acho que precisa ser encarado dessa forma como a largada para construir um carnaval que dê conta desses desafios colocados. É preciso pensar essas outras formas de financiamento, que eu acho que tem um financiamento próprio dos blocos, mas que não se limita e não pode se limitar a isso. E eu acho que essa questão de investimento da Prefeitura também é fundamental, que é com banheiro químico, com a segurança, com a própria EPTC criando um plano, porque hoje, na prática, e o carnaval desse ano demonstrou isso, que eram os blocos fazendo tudo sozinhos e por si mesmos, era essa forma de organização. Então, pensar esse plano contínuo para dar conta de um carnaval que tem essa especificidade nossa

da cidade, para conseguir consolidar como esse instrumento que a gente tem falado, que pode ser o carnaval de rua. Eu acho que isso é bastante importante, para que a gente consiga dar conta, e até mesmo de pensar esses editais, porque eu acho que o edital, por si só, não pode ser uma forma de somente os blocos disputarem com eles mesmos, não pode ser esse o primordial do carnaval de rua, não dá para ficar um bloco se matando com o outro para garantir o seu, precisa ser tudo na coletividade real. Eu acho que a Prefeitura está por dentro disso e conseguindo ajudar na construção, ela é fundamental, porque só assim vamos ter um carnaval de rua que é potente, mas que, com certeza, pode ser muito mais potente e ser essa porta de entrada para cidade, porque não é um debate somente da Cultura, é um debate de município, de território e do povo em especial, que é bastante carnavalesco e que tem tudo para dar conta desse desafio. Era isso.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Airton. O Sr. Ian, da Turucutá, está com a palavra.

**SR. IAN ANGELI:** Boa tarde a todos e todas, faço parte da comissão também, mas eu acho que a comissão já foi bem representada, posso falar um pouco mais tecnicamente aqui, em nome da Turucutá. A Turucutá tem 15 anos de história, saindo já há seis, se eu não me engano, de forma totalmente independente, bancando seu carnaval, e continuaremos, mas também queremos participar do circuito oficial. Eu acho que o que a gente está debatendo é isso. Terá um circuito oficial da Prefeitura, de 10 datas, que vai ser financiado, a princípio, com 200 mil, acreditamos que, para além disso, terá uma previsão no orçamento do ano que vem, inclusive com as emendas, com tudo que a gente vai trabalhar para o ano que vem. Então esse é o caminho que a gente está trabalhando. E aí vamos fazer um debate aberto, porque eu acho que faz parte da política, né? Primeira questão, o termo “circuito”. Hoje, no Brasil, tem alguns formatos de carnavais diferentes. O termo circuito é usado principalmente na Bahia, onde você tem ruas certas, determinadas, de comercialização, onde as



peças, os grupos só saem nesses cantos, inclusive, de uns quatro anos para cá, eles ampliaram para circuitos mais áreas de atuação, então você tem os circuitos onde você tem os blocos de abadá, mas você tem áreas de saída, como é o Pelourinho, como outras coisas. O Rio de Janeiro já trabalha com uma regionalização dos blocos, você tem blocos do centro, você tem o calendário de centro, o município comercializa áreas de publicidade nessa área determinada, e, com esse dinheiro da comercialização, eles conseguem bancar a estrutura, e aí não tem um local exato do bloco, tem uma grande região, onde dentro daquilo você pode se pôr. Eu acho que é isso que talvez a gente busque um pouco mais, ou como é, por exemplo, em Recife, que você tem uma via principal, que é a Rua da Moeda, e você tem estruturas, como o Marco Zero, que é um palco para eventos, você tem outras estruturas de construção do carnaval. Acho que o que a gente está buscando aqui talvez não seja tanto o circuito, e eu acho que é esse o nome que eu quero trabalhar para gente tirar; o que a gente está trabalhando aqui são áreas de atuação, ou, talvez, o termo da moda, territórios criativos, ou territórios de carnaval, e, dentro desses territórios, abrir, porque eu, como um bloco mais estruturado, me coloco à disposição para trazer outros blocos comigo. Então, que não saia no mesmo dia, porque às vezes existem problemas de logística, porque quando você fala de... Sai um trio elétrico com um som, vai entrar outro bloco, aí dá uma quebra para a passagem de som, tem tudo isso, mas ao fazer um projeto que englobe outros grupos e que a gente consiga desenvolver isso juntos. No meu caso, somos um bloco que não tem CNPJ próprio, temos uma produtora que tem a nossa gestão do bloco; nós somos tratados como um produto que é vendido, que faz *shows* em casas de *shows*, que faz espetáculos por aí, então essa parte, inclusive, sobre a venda, para gente é muito tranquilo, nós temos cachê fechado, nós fazemos essa venda e conseguimos fazer essa negociação, e podemos e queremos trazer outros blocos. Podemos apresentar um projeto onde vai ter a nossa saída oficial e mais quatro ou cinco blocos que a gente dialogue, isso não é um problema. E aí, a proposta que eu faço aqui é: deixem um projeto para grupos, botem 50 mil para um projeto aberto, que tenha pelo menos dois ou três blocos e sejam propostas

guarda-chuvas nas regiões. A Turucutá é central, é da Cidade Baixa, há um tempo que sai da Cidade Baixa, por uma falta de espaço para a gente dialogar, inclusive já começamos esse processo de tentar encontrar um lugar para sair, uma via, por exemplo, que a gente saia na Rua Washington, mas afunilava no final, gerando um problema de insegurança; queremos seguir fazendo a nossa saída na região central, mas no oficial a gente quer sair, quer ir para os bairros, queremos sair na Zona Norte, queremos ir, já tamos conversando para ir em janeiro para Restinga, queremos fazer esse trabalho. Agora, passa por a gente construir um projeto, abrir, e cada grupo de blocos apresenta; então uma liga vai apresentar um projeto, cada um vai apresentar o que quiser para utilizar esse dinheiro. Acho que esse é o caminho mais viável, mas ressalto que foi criado por decreto uma comissão de blocos; aí a gente ressalta que é indispensável o diálogo: Prefeitura/comissão, comissão/Prefeitura; esse é o validador social. Eu acho que a gente, às vezes, com todas as dificuldades que a comissão tem, por ser muito ampla, por ter diferentes pensamentos lá dentro, mas esse é o espaço que tem que ser ressaltado, e é um trabalho da Prefeitura, já ressaltando o trabalho que o Miguel tem tido de tentar puxar, mas às vezes é cansativo, tem que fazer um esforço a mais para estar puxando esse espaço, e é o espaço de aprovação. Eu acho que se hoje a gente tem dez datas, e se a gente está encaminhando, já é uma vitória da comissão até que é. É isso, obrigado.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Ian. Agora com a palavra o Zé do Pandeiro, do Bloco do Zé.

**SR. EVANDRO RODRIGUES CARDOSO:** Tudo bem pessoal, uma boa tarde para todo mundo. O Bloco do Zé... Eu faço aniversário dia 21 de fevereiro; dia 21 de fevereiro é o dia do carnaval, foi aqui em Porto Alegre o dia do carnaval. E um dos poucos blocos que tocou no dia do carnaval foi o Bloco do Zé. Como que a gente fez isso aí? A gente foi *indoor*, a gente foi para dentro de um local, porque a gente viu que a Prefeitura não ia dar aporte para ter carnaval na rua; então, para garantir o nosso carnaval, a gente fez num espaço fechado; a gente

foi lá para o Centro, na Casa de Cultura Mário Quintana, ali no Centro, no espaço Fuga, fizemos um carnaval interno. O nosso público é composto muito de pessoas de idade; então, a gente trabalha com marchinhas de carnaval; então é um carnaval mais do Centro da cidade ainda, na Rua dos Andradas, bem no centro da cidade. Quando a gente começou, lá em 1992, na Universidade Federal, o bloco Zé, a gente saía na cidade, e não tinha essa coisa de internet, então a gente não divulgava nada. Então, o Bloco do Zé foi efetivado em 2017, junto com.. Até a bateria que nos apoiou lá foi a do Areal, para gente fazer a Feira do Livro de Porto Alegre; então, o bloco saiu e foi efetivado na Feira do Livro. Andei vendo umas revistas, até pesquisando bastante essa questão do carnaval, como funciona na Bahia, como funciona em Minas, como funciona no Rio de Janeiro; são 600 blocos no Rio de Janeiro; 480, se não me engano, em Minas; em torno de 600 em São Paulo. Imagina administrar 600 blocos de carnaval. Nós estamos com 93 cadastrados, e eu nem sei se estou cadastrado aí, mas eu me lembro que eu me cadastrei; lembro que cadastramos até duas vezes, não é Gentil, o Bloco do Zé, para ver se cadastrariamos mesmo, até ficamos em dúvida, será cadastrou mesmo, esse portfólio foi ou não foi? Então a gente ficou meio em dúvida. Esse negócio de edital, não gosto muito de competir com meus amigos, cara, fico meio, não nunca gostei, nunca gostei de edital por ter que competir, daí eu passo, o outro não passa e fica brabão; aí geralmente eu chamo para vim para o meu: “Então vem junto com a gente aqui, a gente racha o dinheiro.” É assim que eu faço. Acho R\$ 200 mil pouco, poderia ser mais um pouquinho; a Prefeitura poderia dar mais um pouquinho para isso aí. A ideia de dar largada nas quatro regiões seria uma ideia boa, não sei se é eficiente isso aí. Cada um tem o seu desfile, o seu jeito de fazer, tanto na periferia, quanto na Cidade Baixa, quanto no Centro, que é o meu caso; cada um tem o seu jeito. Se a pessoa quiser fechado, dentro de uma quadra de escola de samba, pode fazer, é um bloco também; se ela quiser fazer na garagem, nos fundos da casa dela, pode fazer um bloco na garagem, é um bloco. Poucos vão ter CNPJ; é óbvio que poucos vão ter CNPJ, porque a cultura é uma coisa natural, é uma questão... Como é que nasciam as bandas de rock? A gente

ensaiava nas garagens, não tinha nenhum estúdio para ensaiar. Eu ensaiei no Araújo Vianna, na sala dos fundos do Araújo, com o Giba. A gente ia para lá, pegava a chave do seu João, depois botava debaixo do tapete e ia embora, guardava tudo e ia embora. Ele chegava no outro dia de manhã, abria a sala lá do Araújo Vianna, no Araújo Vianna; eu ensaiava nas salas lá de cima, a noite inteira às vezes, porque não tinha. A gente carregava o contrabaixo sem capa, sem nada, não tinha nem como fazer uma guitarra, um negócio. Bom, eu sou o Zé do Pandeiro, todo mundo sabe, devem conhecer o trabalho do Clube do Pandeiro de Porto Alegre, atrelado também ao Samba Clube, que também é atrelado ao Bloco do Zé, então já tem várias instituições, e o Bloco do Zé, quando sai, também chama as instituições. A gente está organizando o pandeirão agora, na semana que vem – vem gente de São Paulo e do Rio. A gente vai fazer uma saída do Centro de Porto Alegre com centenas de instituições que têm até no Uruguai, na Argentina, na Suécia, no Canadá, na Bolívia, que estão ensinando o pandeiro, o pandeiro brasileiro. Só o pandeiro já é uma instituição, só o pandeiro vocês veem nas propagandas de TV, de banco, de venda de tudo, é o pandeiro que representa o Brasil no exterior. Agora, tu imaginas o carnaval de Porto Alegre, não ter o carnaval, não ter uma data específica, não ter orçamento. É uma questão pública o carnaval, o carnaval é uma questão pública, é uma questão da iniciativa pública, tem que repensar também com o IEM, o Instituto Estadual de Música também, que poderia colaborar, porque se vem gente de Uruguaiana ver o nosso carnaval, se vem gente de Pelotas... Caxias tem o Bloco da Velha. Alguém conhece o Bloco da Velha, alguém já ouviu falar no Bloco da Velha, de Caxias? Sensacional o desfile deles este ano, lotou Caxias do Sul, uma coisa mirabolante, não sei como é que eles tiraram, é financiado pela LIC – Lei de Incentivo à Cultura. Eles fizeram a LIC, ganharam, tiveram patrocínio de uma empresa de vinho. Caxias do Sul, vinho, tudo a ver, não é? Botaram um baita de um palco, tudo organizado lá, bacana. Gostaria muito que a gente tivesse trios elétricos e equipamentos de som um pouco melhorados para a gente poder mostrar o nosso trabalho com mais eficiência. Por isso que eu fui para *indoor*, porque aí eu consegui botar um equipamento bom para eu

poder tocar a minha guitarrinha, as minhas coisinhas lá, entenderam? Porque se não a gente pega um carro de som de sindicato, vai cantar e não dá, pô, aí fica difícil. Não tem nem um microfone sem fio num carro de som. “Espera aí, eu sou o vocalista, eu queria andar para lá e andar para cá”; “Não, só temos um aqui”; “Pô, então tu me vês uns 20 metros de fio, porque eu vou lá no fundo do carro”. Fica difícil assim, o som para o pessoal do contrabaixo fica ruim. E outra coisa é o cachê, que é o mais importante. Eu peguei esses R\$ 3 mil lá da praça Garibaldi com o Bloco do Zé, ficamos desde as 14h num sol a pino batendo na cabeça, sol a pino, botando guarda-sol para proteger o batera, que tinha vitiligo – o meu batera tem vitiligo, então ele não pode pegar sol. Peguei o meu guarda-sol e botei para ele. Eu fiquei no sol, meu instrumento empenando; no sol, às 14h, no verão, para receber R\$ 3 mil, que foi diluído em churrasco, em bolinha, em adesivinhos, alguns abadá, algumas camisetas, e a gente deu tudo. Muitas vezes, a gente nem vende as camisetas, a gente vê um amigo das antigas, “coloca a camiseta aí, tu mereces”. Então fica nesse sofrimento para a gente fazer um carnaval de bloco que não precisava. Então é fundamental calendarizar, ter uma data, a gente precisa saber a partir de já, “daqui a seis meses, eu consigo botar o bloco na rua”. Outra coisa, ter um orçamento, que a Prefeitura pode providenciar, que eu acho que poderia ser mais que R\$ 200,00, poderia ser bem mais que R\$ 200,00, porque R\$ 200,00 não é nada, é muito fraco. E esse negócio de discutir... O Giba já me falava uma coisa muito interessante, ele dizia assim: “O carnaval na periferia existe de fato, a gente tem que trazer um pouco para o Centro”. Eu dizia: “Giba, tu tens razão; inclusive, tem que levar para os ricos, porque os ricos não sabem ver o nosso carnaval, a gente tem que levar o nosso carnaval para o Parcão, porque lá a gente já tem”. Então eu ficava: “É sério, Giba, que tu estás me dizendo isso?”; “Não, é verdade isso aí, cara”. Então eu fui fazer os meus sambinhas no Centro, porque, muitas vezes, a escola Praiana, que eu não sei se vocês conhecem, acho que todo mundo conhece... A Praiana vem de Rua da Praia, ela começou no Centro, era um grupo de samba, no Centro, na Andradas, na Rua da Praia: “Vamos fazer um carnaval?”; “Vamos”. E aí 40 caras foram fazer, vieram os 40 caras lá de Pelotas,

mais o pessoal daqui, e fizeram a Praiana, a primeira escola de samba de Porto Alegre. “Ah, qual é o nome que a gente vai botar?”; “Vamos botar de Praiana, porque é Rua da Praia”. Eles faziam samba na Rua da Praia, então botaram o nome Praiana. É uma coisa que o carnaval, o folclore, a cultura popular são orgânicos, se constroem a partir das coisas naturais; inclusive, os nomes das bandas, os nomes das pessoas, o apelido do amigo. Provavelmente, alguém botou o apelido nele, e ele gosta de ser chamado assim, isso é ótimo. Eu adoro ser chamado Zé do Pandeiro, mas meu nome não é esse, o meu nome é Evandro Rodrigues Quevedo Silva da Silva Cardoso; mas eu sou o Zé do Pandeiro, porque era o Zé Arão e, depois que comecei a dar aula de pandeiro, virou o Zé do Pandeiro. Eu gosto de ser o Zé do Pandeiro.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Para concluir, Zé.

**SR. EVANDRO RODRIGUES CARDOSO:** Só para concluir, eu acho que dá para adequar mais. Eu acho que dá para a gente exigir um pouco mais da Prefeitura, atrelar também ao Estado, porque o Estado poderia nos dar um recurso, e quem sabe estudar esse circuito que se quer fazer, mas sem deixar nenhum dos 93 de fora. Noventa e três? É isso que se têm cadastrados? Então, não deixar nenhum de fora, e que saiam e entrem mais blocos ainda, que estão surgindo, e blocos que até a gente desconhece, que já existem por aí e que ainda não estão cadastrados. Nem eles ficaram sabendo do cadastro. Obrigado a vocês.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Obrigado, Zé do Pandeiro. Agora, Ana Guimarães, da comissão dos blocos de rua.

**SRA. ANA GUIMARÃES:** Boa tarde. Desculpe o atraso, porque a Protásio está toda engarrafada por causa do jogo hoje do Inter. Então, isso são coisas da vida, né? O que me surpreende é que ninguém reclama do engarrafamento do futebol, que é seguido, entendeu, é uma vez por semana, às vezes duas vezes por



semana, depende de quem está jogando. Agora, se fechar uma rua central para passar um bloco de carnaval, aí é drama, entendeu? Então, é essa a crítica que eu gostaria de fazer, porque, para liberar uma rua, é um problema, mas a cidade toda para para o jogo de futebol, e ninguém reclama. Então, acho que a gente tinha que ter esse bom senso também, não é? Eu concordo com o Zé. Eu não vou dizer o nome todo, porque eu não me lembro. Mas eu concordo com o Zé. Eu acho que a gente tem que tentar ter um edital não para competir um com o outro, mas para tentar abarcar todos os blocos do carnaval de Porto Alegre que se disponham a fazer o carnaval de rua público, gratuito, naquele período que a Prefeitura disponibiliza. Que seja uma coisa ampla mesmo. Inclusive, quero dizer que vai faltar dinheiro, e nós vamos vir bater nesta Casa e pedir dinheiro para os vereadores também para ajudar a custear o nosso carnaval, porque o carnaval tem um custo altíssimo. Ele falou dos três mil. Para vocês terem uma ideia, um surdo já custa mil; imagina se tu pegar a bateria do Areal, quantos milhões já têm ali dentro? Porque é isso, tudo tem um custo. Mas o que que acontece, as pessoas se dispõem a fazer carnaval, e eu acho que, na questão do turismo, eu acho que a Prefeitura peca em achar que ela direciona o turista para determinado lugar. “Ah, não, o turista tem que ir para o 4º Distrito”, quando em Porto Alegre, ou “Ah, não, na Cidade Baixa, só até as dez horas”. Eu acho que tem que tentar entender Porto Alegre como uma cidade cosmopolita, entendeu? Cheguei em um hotel e já tem um panfletinho dizendo tudo que tem de atração na cidade e todas as disponibilidades de transporte, porque a mobilidade urbana de Porto Alegre está muito mal, está muito complicado isso. E isso também, para as pessoas se deslocarem, isso é um problema.

Com relação às áreas centrais, eu discordo um pouco, porque, na verdade, o turista quer ver o diferente. O turista não vem para o Brasil para olhar um lugar que parece qualquer lugar do mundo. Eles vêm aqui para conhecer o que é o Brasil. E é isso que o Rio de Janeiro ganha. Não sei se vocês sabem, mas, dentre os pontos turísticos do Rio de Janeiro, tem: visitar a Rocinha, subir no Morro do Cantagalo. A vista é maravilhosa. Então, o que que acontece, porque lá eles entendem que tudo pode ser turístico e, quando tu está no Rio de Janeiro, tu tem

uma grade com todos os blocos e de onde eles vão sair. Sai de qualquer lugar. Tu corre o risco ainda de dar um “rolezinho” e dar de cara com o bloco, porque eles circulam por toda a cidade, porque tem bloco por toda a cidade, porque eles entendem que isso é fundamental. Isso é fundamental para atrair o turismo e atrair o dinheiro. Mesmo que aqui a gente faça os nossos circuitos, os nossos desfiles e não venha turista, nós temos uma população de Porto Alegre que adora um bloquinho, a que as pessoas vão. A gente aqui da comissão queria hoje apresentar alguma coisa, mas a gente teve dificuldades de reuniões, mas eu acho que seria interessante trazer o espírito da comissão, que o espírito é isto: ajudar a organizar os blocos, garantir que tenha carnaval em toda a cidade, porque eu entendo... “Ok, trazer o pessoal daqui para lá”, mas eu acho que o povo da periferia que faz um carnaval também tem direito de ter um desfile com a mesma qualidade que vai encontrar no Centro. Isso é fundamental. Para isso, nessa discussão, quando montar o edital e, claro, levar para a Prefeitura, para a Secretaria avaliar, é fundamental a gente ter um tempo de dizer: olha, o desfile vai sair aqui, eu já consigo a licença, e a partir daí, tendo o calendário, tendo as licenças, tendo os roteiros, tendo tudo isso, qualquer bloco pode chegar nos seus mercadinhos, pode chegar na iniciativa privada, pode chegar onde for e dizer: Olha, o negócio é o seguinte: eu tenho esse desfile nesse dia, meu bloco é esse, tá aqui as fotos, tá aqui o Facebook, o Instagram, tá aqui o meu bloco e eu preciso de dinheiro. Eu quero saber se tu não quer botar um dinheiro pra botar a propaganda no instrumento, pra botar propaganda no abadá, pra botar uma placa, pra botar o que quiser. Porque se a gente pensar no carnaval, como cada integrante do carnaval tendo direito a um cachê, o que é uma realidade que não acontece, mas se acontecesse sairia caríssimo. Então é importante que a gente entenda que com 93 blocos, e com certeza, no dia em que abrir o edital vai aparecer mais, porque sempre aparece mais, sempre tem gente a fim. Hoje aqui a gente está conversando e deve ter uma galera na garagem de alguém planejando botar um bloco na rua, porque é emocionante, porque é maravilhoso, porque é uma sensação incrível, e é fundamental isso, que a gente entenda que isso dá jogo. A Prefeitura, a Câmara de Vereadores tem que entender: “Olha,

carnaval de bloco rende, então vamos ajudar”, e vamos passar o chapéu aqui pros vereadores nos ajudarem, e nós vamos fazer um baita dum carnaval. E esperamos que a Prefeitura bote mais um dinheiro, e também pedir emenda federal, emenda de quem for, e fazer o melhor espetáculo até pro pessoal de Brasília chegar e dizer: Poxa, olha aqui, o carnaval em Porto Alegre bombando”. E os agentes somos nós, e nós vamos fazer. Muito obrigada.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Muito obrigado, Ana. Com a palavra o Sr. Marcelo Fernandes, o homem do dinheiro.

**SR. MARCELO FERNANDES:** Boa tarde! Boa tarde, Presidente Gilson Padeiro, boa tarde Ver. Mauro Pinheiro, boa tarde aos colegas de Prefeitura, entidades carnavalescas e a comunidade presente, eu pessoalmente gostaria de parabenizar pela audiência, pela comissão, até porque eu também sou um folião participando de carnaval, mas eu vim falar em nome da Secretaria da Fazenda e em nome do gestor público enquanto cuidador do recurso que é público e é de todos. O que acontece, da mesma maneira que a gente não entra numa aeronave e o avião decola, igualmente o dinheiro não é colocado e ele é gasto, há toda uma série de controles de checagem, rechechagem que visam dar segurança e tranquilidade ao gestor. Antes de ser auditor fiscal do Município eu era auditor do Tribunal de Contas e eu posso garantir pra vocês: o fisco é muito mais acolhedor com o contribuinte do que o Tribunal de Contas é com o gestor público que guarda, arrecada, administra, paga e empenha recurso público. Então vamos dar um viva à burocracia que existe quanto à gestão dos recursos públicos. Eu só queria dizer que na Secretaria da Fazenda o dinheiro não dorme, o dinheiro, o pedido de liberação, o empenho, a liquidação adequadamente instruídos é D mais um, ele entra num dia, no outro já há o despacho e a liberação e o descontingenciamento em caso de emenda. O que ocorre é que se passa desse tempo, obviamente há alguma lacuna que tem que ser preenchida, a gente informa ao gestor, a quem precisa completar aquele requisito, e aí eu queria dizer que a Fazenda está aberta inclusive, esses processos são públicos,

não há sigilo quanto a isso, então vocês sempre podem demandar o gabinete, podem perguntar sobre determinada demanda, determinada ação ou programa que esteja em andamento e a gente vai informar em que pé está, e se possível acelerar com a questão. Mas eu posso garantir que no que depender da Secretaria de Fazenda os processos não ficam latentes, eles sempre são acelerados, são ágeis, até porque a nossa etapa realmente fica após ao que a gente chama de liquidação; há todo um processo, um preparo, um planejamento antes desse recurso ficar disponível, e a nossa praticamente é a última etapa e que precisa então haver essa averiguação e esse controle. Gostaria de cumprimentar a todos e dizer que a gente está à disposição no que for necessário.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Muito obrigado. Passo a palavra ao representante da SMGOV, José Natal.

**SR. JOSÉ NATAL ARAÚJO:** Boa tarde a todos e todas. Primeiro quero cumprimentar a Câmara, porque o envolvimento, Ver. Gilson Padeiro, Ver. Mauro Pinheiro, a gente que, por muitos anos, está dentro da vida pública, todo dia, tu está aprendendo. Os anos te ensinam que cada dia é um dia e, em todos os dias, estamos aprendendo. Quero cumprimentar, realmente, por essa iniciativa da Câmara de se envolver em um tema tão significativo. Então, isso realmente eleva muito a participação da nossa Casa do Povo em um tema tão importante para a comunidade de Porto Alegre. E dito isso, eu quero cumprimentar todos os representantes de blocos aqui, quero cumprimentar meus colegas de governo, todos da plateia. Realmente, o que nos toca profundamente, o que a gente descobre todos os dias, Mauro, Gilson: o carnaval de Porto Alegre está tão inserido no DNA do porto-alegrense que é uma coisa incrível, gente. A cada participação e a cada evento que a gente tem oportunidade de ouvir e participar, a gente percebe o quanto o carnaval, o quanto as pessoas, o quanto o morador, o quanto o porto-alegrense é envolvido e apaixonado pelo carnaval. Isso nos dá, sem sombra de dúvida, uma grande

vantagem porque, se nós analisarmos hoje, todos aqui falaram com muita propriedade sobre o tema, e eu pego, inclusive, a representante dos blocos que disse uma coisa muito importante. Quando se fala em qualquer coisa que se vai fazer, sempre se fala no dinheiro público, mas ela levantou uma coisa muito importante: nós não podemos perder de vista a participação da iniciativa privada, do dinheiro privado. As empresas estão loucas para investir e participar em eventos dessa natureza. Acho que essa observação é muito importante para que nós já comecemos a trabalhar, imediatamente, isso paralelamente ao dinheiro do governo, ao dinheiro público. E mais do que isso: nós temos que entender que nós temos um potencial extraordinário. Esse potencial... Eu quero dizer aos senhores e às senhoras que nós estamos iniciando, nós estamos ainda nascendo, nós somos ainda um embrião no meio de tudo isso. Mas eu não tenho dúvida nenhuma de que, daqui cinco anos, se nós mantivermos esse trabalho extraordinário que vocês iniciaram ... Inclusive, aqui, cumprimentando meus colegas de governo, da Secretaria da Cultura, que têm feito um trabalho incansável, e nós somos realmente muito agradecidos por isso, pela maneira como vocês olham o carnaval de Porto Alegre. Agora, essa questão dos blocos é muito importante, porque os blocos, como foi dito aqui, representam o carnaval mais sublime para o cidadão porto-alegrense, que é aquele cidadão e aquela cidadã de cada casa, de cada moradia, de cada bairro, de cada local, e isso realmente é o que faz a diferença na vida das pessoas. E eu, finalizando e agradecendo a oportunidade de estar aqui com vocês, quero dizer que a Secretaria Municipal de Governança, como secretaria-meio, a Secretaria da Cultura sabe que pode contar conosco, com a secretaria, a SMGOV, em todos os eventos na área cultural, na área de turismo. Em tudo o que acontece, nós estamos juntos, parceirizados, porque entendemos que isso é a transversalidade do governo. Nós temos que estar juntos, e vocês podem contar conosco, sim. Podem contar com a SMGOV, que nós estaremos juntos, parceirizando, participando, atuando e ajudando a construir essa coisa linda que é o carnaval de Porto Alegre, que está muito mais no DNA do porto-alegrense do que qualquer outra coisa. Muito obrigado a todos vocês. Obrigado pela oportunidade.

**VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL):** Só vou fazer mais uma consideração. Acho que nós poderíamos marcar, também, não sei se vocês acham que tem necessidade de fazer uma próxima reunião, tipo, em outubro. Eu acho que tinha que ter uma reunião específica para um grupo de trabalho, de duas ou três pessoas, ou uma, vir aqui apresentar o que que o grupo de trabalho está fazendo durante esse período, para que a gente possa entender, nem todo mundo participa do grupo de trabalho; e a gente colocar aqui mais o espaço da Câmara à disposição do que qualquer outra coisa. Nós aqui não entendemos nada do que vocês entendem, mas um detalhe já é bastante, se fosse só um detalhe, mas a nossa função é tentar ajudar a intermediar, abrir o espaço, fazer a relação, entender e dar nossas opiniões aqui, tentar ajudar. Mas eu acho que abrir o espaço para vocês, para que vocês possam vir aqui apresentar e aí convidar um número maior de pessoas para entender o que que se está planejando, porque, antes de outubro, ainda tem um tempo. A minha contribuição que eu queria deixar é que eu acho que nós tínhamos que, nesse grupo de trabalho, que certamente vocês estão discutindo isso: qual é o modelo que nós queremos para Porto Alegre? Porque eu vim aqui, falei – até peço desculpa –, mas eu falei daquilo que eu vejo na televisão. Está lá o sistema que a gente vê na Bahia, em São Paulo, no Rio, mas eu fui uma vez num lugar e noutro, não vivo lá, a gente dá as opiniões assim, soltas ao vento. Mas eu acho que é importante a gente definir o modelo que Porto Alegre pensa, para gente poder, como o Anderson falou: a gente precisa de segurança jurídica; e aí sim, se nós queremos um carnaval que vai ser aquele carnaval da garagem e tal, não precisa muita organização, está acontecendo todo dia, em tudo quanto é lugar, não depende da Câmara, não depende da Prefeitura. Mas se a gente quer fazer algumas coisas mais organizadas para buscar recurso, para buscar patrocinador maior, uma empresa maior que vai botar recurso, tem que ter uma segurança jurídica, ela tem que saber que dia tal vai ter o carnaval, vai ser no lugar tal, vai ter tantas pessoas que vão desfilar. Porque, se eu sou o empresário lá, eu vou botar dinheiro onde, eu tenho que saber o que vai acontecer; quem é que vai ver a minha marca? Vou pagar lá para minha marca aparecer, mas vai ter quantas



pessoas lá? Quantas pessoas vão estar assistindo. Então, eu acho que dá para tentar fazer funcionar, algo grande assim, em algum lugar mais centralizado. Eu não sei se é esse o modelo que vocês pensam; e depois o carnaval descentralizado que vai acontecer no dia a dia, só que para Prefeitura também é difícil ela pegar o recurso e achar o cara lá, da garagem, botar o recurso, como é que ele presta conta para Fazenda. E a Prefeitura vai ter que prestar conta para o Tribunal de Contas, o Ministério Público, e, “bom, tu pegou o dinheiro e sumiu o dinheiro” - a Fazenda, não, eu não posso largar o dinheiro e tal. Então a gente tem que ter uma forma de ajudar, e se tu tens um grande evento centralizado é mais fácil para Prefeitura prestar conta, um ou dois, do que 90 blocos, imagina! Larga o dinheiro em 90 e depois como é que faz a prestação de contas? Então tem a parte do que dá o empecilho também. Mas se o bloco, ele não ganha para fazer o desfile lá na Restinga, mas ele vai receber um recurso para fazer o desfile centralizado, mas ele vai ter dinheiro para se organizar e vai fazer o descentralizado porque é o que ele gosta, é o que ele quer. Então eu não sei como é que vai fazer isso, vocês que são da cultura que têm a missão de organizar; e a gente aqui, como vereador, a gente coloca aqui, como nós somos da comissão, parte da cultura, ajudar com o espaço, intermediar para que possam falar. Eu acho que uma das questões importantes era outubro, até porque setembro, a gente sabe, queira ou não, agora tem a Semana Farroupilha, a cultura também não é uma grande estrutura, vocês devem estar sobrecarregados. E o mês de outubro seria, eu acho, um mês ideal, ainda tem prazo, e eu acho que é fundamental esse grupo de trabalho, a gente ter um espaço para apresentar o que pensam entre eles, e trazer. E nós aqui para ver o que a gente pode aprender e ajudar. Essa é minha participação.

**SR. JOSÉ CLAUDEMIR CARVALHO:** José Claudemir, Bloco B Loukos. Na verdade, a gente já tem esse grupo de trabalho aí e já vem trabalhando. A questão toda é que a maneira que a gente pensa o trabalho é totalmente adversa, sim, à Prefeitura, justamente na questão financeira, porque 90 blocos...

Como volto a citar a situação da Restinga. A Restinga foi um sucesso; foram três blocos com R\$ 50 mil, aí vamos fazer 90 blocos divididos por...

**SR. LUCAS FUHR:** Desculpa, mas assim, o cálculo não é exatamente esse, porque, claro quando se fala dos 93 blocos... Mas, na verdade, o que a gente está estudando aqui a possibilidade é os circuitos, ou daí enfim, foi discutida aqui a questão dos circuitos, vai ser essa denominação, território, isso. É, mas quatro, e dentre esses quatro os vários blocos se somam, até porque não são 90 blocos que estão aptos a receber o recurso em se inscrevendo no edital. Também para esclarecer assim, permita, vereador, a respeito dos editais, os colegas falaram dos editais, é claro que a disputa entre os blocos é algo que... O objetivo não é jamais desunir, gerar uma competição pelo recurso. Mas a ideia é que, até por uma questão, e está aqui o nosso colega da Fazenda, por uma questão de legislação, a disponibilização de recurso público tem que permitir ampla concorrência. A gente não pode, nem nós, e nem os vereadores não querem ficar nesse papel de dizer: esse bloco sim, esse bloco não; esse aqui vai receber dinheiro, esse não vai receber dinheiro. Não é essa a ideia. Então o edital é justamente uma forma transparente de dar publicidade para que possam apresentar os projetos com a documentação. E daí esse número de 93, já não é 93. Então quais são os requisitos para recebimento, para poder apresentar e receber recursos, esse número vai... Não é 93. Só que o que que acontece? Tendo quatro valores para quatro eixos, territórios ou circuitos, na verdade, a ideia é que vários blocos participem do mesmo circuito, que foi o que o Miguel havia explicado. Então a ideia é que, por exemplo, eu vi vários colegas aqui falarem que são blocos constituídos que vão trazer outros. Então justamente para que a gente formule, coloque no calendário, para que os blocos andem juntos né...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. LUCAS FUHR:** Exato, exato, e também cumprimentar o colega José Natal que é um reconhecimento, a gente agradece e devolvemos o reconhecimento, porque as assembleias do Orçamento Participativo foram muito bem realizadas em 17 territórios, mais 6 temáticas, mobilizando aí inclusive o setor do carnaval, inclusive o setor dos blocos, porque o OP chegou em todos os territórios de Porto Alegre. Então, assim, acho que voltando à questão dos 4 circuitos, isso é uma coisa que dá para compor.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. JOSÉ CLAUDEMIR CARVALHO:** Continuando o meu raciocínio aí, acredito que o para o carnaval sair a contento da população vai acabar saindo o edital, tem que sair o edital. Só que não tem como nós fazermos um planejamento com R\$ 200 mil, não se constrói uma estrutura pra 10 dias com R\$ 200 mil.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. JOSÉ CLAUDEMIR CARVALHO:** Sim, mas a gente não tem conhecimento. Então, nós, que trabalhamos bloco já há bastante tempo, nós diríamos que, para sair um carnaval mais ou menos, em Porto Alegre – mais ou menos, em Porto Alegre –, fazendo uma estrutura, é R\$ 1 milhão. Para sair um carnaval mais ou menos, mais ou menos né. Isso calculando aí um cachê ainda de apenas R\$ 3 mil para cada bloco. É por aí. É claro, eu acredito que a gente não vai conseguir ainda fazer um bom carnaval esse ano, acredito que talvez daqui a 3 anos, mas, tudo bem, a gente pode fazer esse planejamento aí, mas não tem como organizar, nós, os blocos, com uma previsão de R\$ 200 mil. Me desculpem, né. Paralelo a isso, já está acontecendo na cidade aí uma mobilização de 23 blocos mais 3 escolas de samba junto à emenda parlamentar de um senador que vai conseguir uma emenda parlamentar de R\$ 600 mil. Então aí...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. JOSÉ CLAUDEMIR CARVALHO:** Tudo bem, é o que a gente diz né. Então tem uma outra coisa no carnaval. Eu, particularmente, tenho uma demanda do Orçamento Participativo de R\$ 50 mil para fazer uma atividade lá na comunidade. O Fumproarte tem uma outra demanda minha que a gente fez, entrou num projeto lá, que também ganhou, que é de R\$ 10 mil. Então tem. Só que o que que está acontecendo? Ainda não está centralizando todo esse dinheiro para um local só. Ele ainda está um pouquinho aqui, como a gente diz, a emenda do senador, o senador contempla esses 27 blocos, ou seja, tem blocos que estão aqui, mas que não estão contemplados. Então ainda é difícil, ainda é difícil. Então não tem como fazer.

**SR. LUCAS FUHR:** É isso, nós também vamos buscar construir, mas, assim, Bochecha, eu entendo o que tu trouxesses, mas nós vamos também, como o vereador falou, buscar mais recursos, seja através dos vereadores, com emendas parlamentares, seja também do setor privado, com parcerias. Então acho que a gente tem tempo. Podemos contar com a mobilização também do setor, acho que esse valor é um valor de fomento inicial que é para dar o *start* anterior ao evento carnaval. Acho que também é importante contextualizar que a gente está numa crescente né, assim como o carnaval de escola de samba foi retomado agora, ano passado já houve, mas esse ano houve em grande estilo no período de carnaval, porque ano passado acabou sendo em maio né. Então é muito importante que a gente pense cada vez mais com mais importância, com um evento maior também os recursos vêm. Então acho que isso é um processo que a gente está aí numa etapa... Jamais vou dizer que os blocos estão começando, porque eu sei que tem blocos de décadas de existência, talvez quase 100 anos, mas no momento agora, pós-pandemia, num outro momento que a cidade vive, acho que cada ano vai ser um melhor que o outro.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Eu quero contribuir um pouquinho aqui também. Eu, antes de ser vereador, eu sou lá do Extremo-Sul, onde tem a praia do Lami. Em 2013, lá, o pessoal montou um bloco. Do que que nós

precisávamos lá? Só de um caminhão de som. O que que a gente fazia? Fazia um rateio entre todos os comerciantes locais e a gente fazia os abadá, as camisetas. No primeiro ano, a gente fez 50 camisetas; 2014, fizemos um movimento, veio caminhão de som, fizemos um movimento... a gente começou a fazer 200 camisetas; era 200, 300. Isso era só um bloco, mas o que que movimentava? Cerca de 10.000, 15.000 pessoas. A praia do Lami tem 3 km de orla, aquilo começava no pontal e ia até no fim da linha, com movimento, cheio. Só que precisava o quê? A EPTC cuidando do trânsito, a Brigada Militar dando segurança, e um caminhão de som. Os blocos se juntavam ali, se montavam; os sambistas ali faziam... chegavam blocos da Restinga ali com grupo completo, e a gente fazia. Até 2017, foi feito; depois de 2017, não aconteceu mais.

Se aparecer, tiver vontade da Prefeitura, apareceu o quê? Um caminhão de som. Tem carnaval no Lambi, tem carnaval em Belém Novo também, onde a praça central lota. E eu acho que a maioria dos bairros onde não precisa de muito recurso, se tiver isso, o carnaval está feito. É um microfone, um pandeiro, um cavaquinho e vai se embora ali, e tem som e tem carnaval; é todo mundo feliz. Uma outra coisa também que é muito importante: vai para Bahia, os patrocinadores quem são? Ambev, hotéis, tudo; tudo investe em cima. No Rio de Janeiro também, nós, em Porto Alegre, olha a visibilidade que nós temos aqui no nosso carnaval de rua. Esse pessoal contribui?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR JOSÉ CLAUDEMIR CARVALHO:** Lucas, tem que buscar, tem que buscar essa parceria com distribuidoras de bebidas, tem Ambev, tem refrigerante, tem toda a rede hoteleira, empresário querendo aportar recurso; só tem que fazer a busca. Eu acho que R\$ 200.000,00, com mais R\$ 600.000,00 do senador e mais uma corrida atrás de recurso, acho que dá pra fazer um baita de um carnaval no ano que vem agora, no começo, a gente fazer um belo carnaval. E também, Lucas, descentralizar todas as comunidades, o povo fica feliz, o povo quer alegria, e o que que dá alegria? Carnaval.

Neste ano mesmo eu fui para o carnaval mesmo, a gente teve um carnaval maravilhoso no sambódromo e tu olhavas para as pessoas felizes. Ele: “Ah, amanhã tem de novo, vamos lá”. E é isso, o povo quer, gosta. Tem duas coisas que o povo adora: carnaval e futebol. Então eu acho que a gente tem que trabalhar bastante em cima. Essa é a minha contribuição, obrigado.

**SR. ANDERSON RAMOS:** Numa das falas, eu coloquei como território e circuito, são coisas diferentes. Quando a gente fala em circuito é relativo à questão comercial que a gente está falando para trazer os outros entes para poder negociar. Só que para a gente poder negociar e eu consegui chegar até aqui numa fala na primeira reunião, como eu volto a citar, que sem a regulamentação... o inferno está cheio de boa vontade, entendeu? Então sem regulamentação não existe acordo, não tem como fazer. Se não regulamentar para dizer assim o que a Prefeitura vai dar, não só a Prefeitura... existe dinheiro para pagar também essas pessoas que fazem parte do carnaval que não estão sendo pensadas, que é o bombeiro, é a EPTC, é o DMLU; eles também podem ganhar recurso do carnaval. Tu trabalhaste na festa, tu ajudaste a limpar aquilo no outro dia, tu ganhas um bônus. Então existem mais condições além do dinheiro que nós precisamos para fomentar isso com uma participação, às vezes, não focada só no dinheiro. Porque como tu falaste, o bloco precisa de outras coisas, e a gente está visando o dinheiro. Daqui a pouco, todo mundo – eu digo todo mundo no sentido comercial – colabora se não for no bendito do dinheiro. O cara tira um recurso lá do imposto de renda dele e isso aí vai virar tecido para as nossas crianças para virar vestido; vai virar – sei lá – instrumento. e nos dá o que a gente precisa, por que isso, como uma festa popular, que está no DNA, quando a gente fala assim: “Ah, um pandeiro, um cavaco...” Para alguns parece só isso, mas para outros é um trabalho cultural que vem de raiz, e como o Zé falou aqui, esse trabalho que a gente tem vem de gerações – de Bedeu, de Luis Vagner – esse pessoal todo tem que ser citado, porque eles saíram daqui, não foram valorizados nesta terra, e a gente não é valorizado aqui nesta terra, não se enxerga ninguém ganhando um cachê como ganha uma Ivete Sangalo lá em



cima, por que, se a gente faz um carnaval melhor que o deles, às vezes, com mais sangue, entendeu? A coisa acontece de fato! O que o turista quer? Um bom hotel, um bom restaurante, um bom circuito. O nosso território, se ele for tratado como um circuito, não tem problema, desde que a gente fomente lá hotéis para o pessoal passar uma semana, para saber o que é um quilombo, aí eu vou vender pastel, acarajé, sei lá o quê! A comunidade vai vender, eu vou levar recurso. Mas se não regulamentar isso, se a Prefeitura não colocar... O que a Prefeitura pode dar? A segurança no território, porque, quando a gente está ensaiando, a Brigada entra lá no fundo onde é a comunidade, é um território federal, a Brigada entra lá para terminar o ensaio, a gente tem que parar o som porque alguém ligou e denunciou. Todos os blocos têm problemas de ensaio, a gente já falou sobre isso, está se organizando, só que ainda temos um problema que é essa relação, existem outras organizações de bloco que a gente não consegue trazer para cá. Então, se regulamentar, eu acho que vai pluralizar, aí todo mundo vai conseguir ganhar o que a gente precisa.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Para encaminhamentos, Miguel Sisto.

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Queria agradecer as contribuições, a recepção da proposta, também foi esclarecido, e essa informação técnica é muito importante: não é um circuito, mas sim um território criativo do carnaval. Isso a gente não tem a menor dificuldade em acatar, e eu queria alertar a nossa comissão de carnaval que é para já, gente! Foi liberado recurso a mais do que a gente tinha e a gente precisa se reunir, então vou chamar uma conversa. Não é frescura, gente, é briga com a burocracia, quem mais sofre com isso são os artistas, que precisam cumprir com isso quando ganham, e nós agora que precisamos fazer a coisa andar. A gente não gosta, mas a gente precisa enfrentar isso aí, então peço desculpas, de antemão, porque a gente vai ter que conversar em seguida, ainda essa semana, se possível.

**SR. LUCAS FUHR:** Só para esclarecer: como é o orçamento de 2023, e nós estamos hoje em 29 de agosto, ainda é necessário que seja no ano de 2023. Está aqui o colega da Fazenda que sabe que a cada ano é um orçamento diferente, a gente tem que ser ágil.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Sim. Isso, pessoal, é um orçamento de estrutura técnica baseado no registro de preço que a gente tem hoje na Prefeitura. A gente sabe que custa R\$ 300 mil só para fazer os dez dias com estrutura técnica, não é a estrutura técnica ideal, é só um parâmetro que existe no registro de preço. Eu já tinha mostrado isso para a comissão, eu queria mostrar isso para dizer que a Prefeitura sabe que tem esse custo e que nós vamos atrás para tentar cobrir isso, para fazer os dez dias do carnaval centralizado. Além dos R\$ 200 mil...

**ORADOR NÃO IDENTIFICADO:** É uma estimativa.

**SR. MIGUEL SISTO JÚNIOR:** Eu não tenho eu não tenho competência para ter um compromisso financeiro com vocês, mas eu tenho toda a competência, falamos com o secretário – está aqui o meu colega Lucas, chefe de gabinete – que a gente vai em busca da estrutura, foi isso que a gente tentou levantar ontem, não foi possível ainda, mas a gente conversou muito e é isso que o secretário está tentando buscar para o carnaval de 2024. Eu também não gosto da competição e que bom que vocês falaram nisso, mas eu acho que os próprios blocos deram a solução, porque ouvi na fala de vocês algo extremamente humano no sentido de acolher todos os blocos, de não deixar ninguém de fora. Então, sim, a gente tem a competição, tem a concorrência, mas vocês já solucionaram isso, porque eu tenho certeza de que os próprios blocos vão agregar com outros e vão ser generosos para, nos próximos incentivos, incluir aqueles que não ganharam e que ninguém ganhe duas vezes enquanto não estiverem todos contemplados.

É só isso, eu agradeço todas as colaborações. Obrigado.

**SR. LUCAS FUHR:** Agradeço também, colocamos a Secretaria de Cultura à disposição, Muito obrigado e vamos construindo em conjunto.

**PRESIDENTE GILSON PADEIRO (PSDB):** Eu queria agradecer a Secretaria da Cultura, da Fazenda, a EPTC, a governança, ao Ver. Mauro Pinheiro, também aos blocos. A gente achou que a reunião da CECE não ia acontecer, ela aconteceu e foi muito produtiva. Vamos organizar, para outubro, para estarmos juntos novamente, precisamos definir essa data. Um abraço a todos e muito obrigado. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 16h12min.)

TEXTOS SEM REVISÃO